

CRUZEIRO SEIXAS

Entrevistado por Maria Augusta Silva

(EXCERTOS DA ENTREVISTA EM MODO AUDIO)

O que nós precisamos não é de submarinos, é de uma boa estrutura cultural. Se soubermos investir em obras de arte, daqui a algum tempo ter-se-á um grande património e a alma enriquecida. (...) Quando faço poesia pinto, e ao pintar faço poesia. As duas completam-se, fundem-se e amam-se ou odeiam-se. (...) Seria interessante realizar-se uma exposição itinerante sobre o surrealismo, matéria não falta. Não se disse até hoje nada mais atual do que os surrealistas disseram

Quem tenho à frente, um revelador de sombras ou aquele que soube criar, na pintura e na poesia, a luz do maravilhoso inconsciente?

Não sei nada de mim; quanto mais se envelhece menos se sabe. Fico admirado com aqueles que sabem tudo de si e dos outros. Não sou uma pessoa contente, essa é a minha verdade.

O envelhecimento coloca-nos perante uma maior estranheza?

Apercebemo-nos de que tudo é muito difícil. Quando somos novos julgamos que as coisas são mais fáceis; por outro lado, a dado momento da história e da vida atribuíam-se tudo quanto era mau ao fascismo. A maioria das pessoas convenceu-se disso. Afinal, é tudo tanto ou mais difícil agora.

Desencantado?

Sou uma pessoa desencantada, mas não me sinto mais desencantado com os outros do que comigo próprio.

Não se cumpriu plenamente na sua arte?

Os outros di-lo-ão. Há hoje uma corrida tal ao dinheiro e aos primeiros lugares que se torna difícil perceber quem vai à frente. Estou longe da genialidade; fiz, porém, com honestidade aquilo que fiz. Nos meus *Desaforismos* digo que ter consciência de não ser genial é quase ser genial, sobretudo no meio em que vivemos, onde todos se julgam geniais.

Podem o amor e o ódio atingir um grau em que se confundem?

A genialidade assenta em grande parte no amor-ódio. O amor-ódio é só para os génios...

Acredita em génios?

Picasso, Pascoaes, Mário de Sá-Carneiro foram geniais. Temos mais figuras geniais. Gente que abriu portas tão admiráveis que não apareceu ainda quem lhe chegue aos calcanhares.

André Breton, o impulsionador do surrealismo, não cabe nessa genialidade?

Breton foi a "bruxa" que abriu portas. Importantíssimas para um futuro sempre adiado.

As suas linguagens pictórica e poética são marcadas por um forte cunho metafórico. A metáfora permite a grande síntese da vida?

Toda a vida é uma metáfora. Mesmo parados já somos uma metáfora, mas, quando damos um passo e entramos na sociedade, mais nos apercebemos de que tudo é metafórico. Todos os nossos gestos são metáforas, não há nada que seja claro e translúcido e simples como o vidro.

Nas suas telas há uma espécie de jogo de espelhos confrontados, um jogo quase inocente. Interroga assim as contradições e a perplexidade?

Reivindico para mim um lado *naif* a que estou agarrado com unhas e dentes. Não quero ser o sabichão que hoje toda a gente julga que é. Se me chamarem sabichão ficarei triste, se me chamarem *naif* ficarei muito contente. Tenho uma paixão pelos meus irmãos *naifs*.

Tão ligado à estética moderna, esse lado *naif* é a necessidade de encontrar a ingenuidade perdida?

Por isso mesmo corro o país a meter o nariz em igrejas e capelas (qualquer dia chamam-me beato!); é comovente ver naquelas pedras as pessoas que as trabalharam e deixaram nelas a marca dos seus ideais, a beleza, a metafísica a que estavam ligadas.

Deixou de pintar, vai fazendo desenhos. Tornou-se preguiçoso ou deseja encontrar-se com o nada?

O nada é apaixonante, a extensão máxima. A coisa maior que há é o nada. De pintura julgo ter já cumprido a minha obrigação.

Doou o seu espólio à Fundação Cupertino de Miranda. Basta-lhe esse espaço para que haja memória de si?

Gostava que me fizessem um mínimo de justiça, embora não creia isso possível; a injustiça anda à solta neste país. Tudo o que tenho de arte em minha casa (obras minhas e de outros) vai para essa Fundação. Sensibilizar-me-ia se fosse realizada já uma exposição de tudo quanto deixo e amei ou me amou. Nessa Fundação criou-se um espaço designado "Centro de Estudos do Surrealismo" no qual quero depositar alguma esperança.

Conseguirá saber por onde andam todas as obras que produziu?

Não sei dizer quantas pintei nem por onde andarão. Gostaria de ter um apanhado mas sou muito desorganizado.

Desorganizado? Tem a casa em ordem...

Há muitos anos, Cesariny dizia uma coisa muito bonita a meu respeito: que eu tinha necessidade de uma certa arrumação e ordem à minha volta porque a desordem dentro de mim era enorme. Quanto mais o tempo passa mais me convenço dessa desordem interior. Agora, depois dos 80, estou a tentar dar uma certa ordem a papéis – evidentemente sem o conseguir.

Tornando-se difícil apurar por que sítios se espalham todas as suas produções de arte, não receia desaires?

Decorreu há tempos um grande leilão em Lisboa, que incluía obras minhas, entre as quais seis desenhos que me tinham sido pedidos por Cesariny para ilustrar a sua belíssima composição literária Titânia. Fez-me esse pedido estava eu em África, nos anos 50. Mande-ihe os desenhos, que, aliás, nunca foram publicados. Ao regressar a Portugal quis inteirar-me do seu destino e disse-me que estavam empenhados.

Desempenhou esses desenhos?

Contribuímos, eu e Cesariny, para os desempenhar, contudo, os desenhos não voltaram para mim. Acho que estiveram depois em casa de um colecionador.

E param agora em que mãos?

Senti uma aflição ao saber que esses desenhos estavam num leilão; são desenhos que formam uma unidade, um todo, e temi que, por serem caros, pudessem ser vendidos um a um e irem parar a casa de novos-ricos. Andei uns dias como louco. Detesto fazer pedidos mas acabei por interferir junto da Fundação Cupertino de Miranda para que os comprasse no leilão. Já estão salvaguardados na Fundação que fica com o meu espólio. Gostaria que tudo tivesse um final feliz como neste caso.

Dignidade e indignidade como as avalia?

Não vale a pena separar tanto as coisas num sentido que não traz nada de novo. Para ser indigno é preciso ser, por exemplo, Genet, mas não é Genet quem quer. Ao mais alto nível do escândalo existe um Dali, mas também não é Dali quem quer. Há por aí uns “genêzinhos” e “dalizinhos” que são risíveis. A dignidade é uma coisa que procuro, vivo em sociedade e gosto das pessoas que se apresentam com dignidade na sua maneira de ser.

O Cruzeiro Seixas também é capaz de uma boa polémica...

Defendo o meu ideal acima de tudo; sou um homem, uma pessoa que tenta ser verdadeira, que pensa em si e nos outros. Nunca me interessou ser um intelectual ou um artista.

Nunca dá o outro lado da face a quem lhe der uma bofetada?

Detesto ser sacana, mas quando são sacanas para mim faço impossíveis para o ser também; não gosto de ser vítima.

Chorou alguma vez?

Muitas vezes, em criança. Hoje tenho pena de não ser capaz de chorar. Gostava imenso de chorar. Era um desejo enorme, deve ser uma libertação. Mas não deito uma lágrima.

As paredes da sua casa estão cobertas de quadros mas não descubro obras suas...

Não tenho quase nada meu nas paredes; do que gosto mesmo é da pintura dos outros. Orgulha-me ter, por exemplo, um *cadavre exquis* de Breton, Valentine Hugo e Tristan Tzara. O Centro Pompidou já quis comprá-lo mas não desejo vendê-lo.

Gosta de usar palavras compostas ao criar poemas. Finito-infinito ou vida-morte preocupam-no?

Quem tem uma experiência dura da vida como tive e sendo eu uma pessoa que não sabe ganhar dinheiro, há qualquer coisa esquisita que me mantém em equilíbrio. Toda a minha vida foi um finito-infinito, uma vida-morte; foi um disparate, todavia tenho sobrevivido com muito juízo.

Quando diz que teve uma vida dura refere-se ao próprio trabalho criativo?

Não só ao trabalho criativo. A vida de todos os dias é também muito criativa. Os meus pais deixaram-me só dívidas. Não tenho uma agulha de pinheiro em parte nenhuma. Vínhamos de uma raiz burguesa. Em casa do meu avô materno vivia-se muito bem. Morreu de repente e foi tudo por água abaixo; foi a decadência da família, julgo ser o fenómeno de uma época. Mas sempre fui um miúdo acarinhado.

Muito protegido por ser filho único?

Talvez excessivamente. Quando tinha três anos, um médico disse aos meus pais que eu não ia passar dos sete. Toda a vida me lembro em casa de duas criaturinhas aflitíssimas à minha volta a engendrarem coisas para me protegerem. A incomodarem todos os santos e santas que havia nos céus...

Defende que “a palavra amor é incendiária” e diz que toda a sua vida foi um disparate. Então, o amor será disparate?

Quase sempre e talvez mais o amor que escolhi. A minha vida foi uma aventura estranha mas bonita. No campo do amor, não tenho coisas muito feias para me entristecerem; sinto, porém, que hoje me faz falta não ter alguém ao meu lado. De repente, um tipo verifica isto: uma vida inteira de amores, e de amores muito bonitos, mas que passam...

Teve muitos Outros e ficou com um Eu vazio?

Um vazio, no entanto a culpa também foi minha, porque não seria capaz de ver envelhecer uma pessoa ao meu lado como acontece normalmente nos casais e que neles acho muito bonito. Para mim... Já basta olhar-me ao espelho! Nunca fui um Adónis, porém não tinha os sinais de velhice de hoje, não fico contente, não gosto deles, ofendem-me.

Arrepende-se de ter escolhido uma vida de diferença?

Nessa diferença estive tudo quanto houve de melhor na minha vida. Penso que seria desgostante se fizesse uma vida igual à de toda a gente.

Apesar das profundas mudanças de mentalidades a homossexualidade continua a ser um estigma?

Há uns 20 anos quem aceitava a homossexualidade? Ninguém. Quem há 30 anos admitia o fim do colonialismo? Existirá ainda um certo estigma mas nada comparável ao que era. Julgo que os próprios homossexuais se enganaram no caminho...

Que engano?

O de pretenderem integrar-se, mas numa sociedade com que eu não estou de acordo.

Esse estigma nunca o incomodou?

Nada mesmo. Por que havia de incomodar-me?

Como conjuga o dramático com o audacioso da sua plasticidade?

Anda sempre ligada à audácia uma grande parte de drama. Quem tiver medo do drama não tem audácia.

Admira Rimbaud pela sua faceta dramática?

Rimbaud foi dos maiores poetas universais. De uma forma transcendente e invejável fruiu uma vida na qual cabe o mito. Em dado momento, teve uma ligação homossexual com Verlaine e não faltou quem pegasse nisso, penso no entanto que a homossexualidade é tão natural como outra coisa qualquer. O génio está em toda a obra de Rimbaud.

Liberta-se mais na poesia ou na pintura?

Não há fronteira. Nem separação possível. Quando faço poesia, pinto, e ao pintar faço poesia. As duas completam-se, fundem-se e amam-se ou odeiam-se. Não falo, todavia, de libertação; se me tivesse libertado não havia esta confusão dentro de mim, um novelo de que não encontro a ponta; esse novelo chama-se Cruzeiro Seixas.

Atormentado?

Até porque este país é um tormento que trazemos às costas. E também pesam muitos sonhos que não foi possível realizar. Além disso, as amizades são difíceis de manter e magoam igualmente muitas desilusões do ponto de vista intelectual; o próprio surrealismo parece adormecido à escala universal, embora saibamos que não está.

Que mágoa é essa que lhe sinto quando fala de amizade?

Alguns dos que eram os melhores amigos morreram. Com outros é difícil manter relações neste meio. Há dias, ao ler o jornal, reparei na quantidade de questões levadas a tribunal, às vezes por uma picuinha qualquer, mesmo a nível intelectual, coisas incríveis.

O temperamento do povo português é demasiado emotivo?

Demasiado confuso.

Sabe que tem admiradores em todas as gerações?

Fico-lhes grato. Entristece-me, porém, já passar dos 80 e ter admiradores em vez de amigos, mesmo sendo isso, de certa maneira, uma prova da minha liberdade.

A hipocrisia dói-lhe?

Naturalmente. O mundo de hoje está cheio de hipocrisias. As detestáveis hipocrisias do antigo regime foram substituídas por outras tão repugnantes como as anteriores; não vejo, de facto, que sejam melhores do que as do passado.

É um saudosista?

Não é de saudosismo que se trata, não sou é um apaixonado pela época que vivo. Não estou apaixonado na medida em que ela é apaixonante mas não me satisfaz.

Satisfazia-o a época anterior?

Havia muita coisa boa e também muita coisa má; um excesso de burguesismo, não faço contudo o que muitas pessoas depois do 25 de Abril desataram a fazer: deitar para o caixote do lixo o seu lado burguês ou escondê-lo numa arrecadação. O lado burguês existe em mim e é tão respeitável como o proletário ou qualquer outro.

Nem antes nem depois do 25 de Abril se envolveu em termos políticos?

Não. Mas fui da Mocidade Portuguesa. E digo-o sem complexos, não me envergonho de o ter sido, fazia ginástica que era uma coisa de que gostava. Quando aquilo começou a ser mais político, fui passear...

Costuma dizer que o acaso nunca o ajudou mas nada na sua arte se afigura planeado. Como atinge uma

unidade espacial a partir de fragmentos quase sempre alados?

Quando falo de acaso é do acaso que conduz ao abstracionismo, sem deixar de ter admiração por alguns abstracionistas; gostei muito, por exemplo, da fase abstrata da Menez. O abstracionismo e o informalismo deixo-os, todavia, aos outros.

O abstracionismo conta, entre mais, com nomes como os de Kandinsky ou Magnelli... As cores não são em si mesmas uma filosofia, uma linguagem de emoções?

As cores e as formas tanto figuram numa pintura abstrata como numa pintura concreta. Estão sempre lá. Em determinada época da minha vida fiz experiências estéticas dessas. Mas o traço em si tem uma tal expressão que a mim atrai-me muito mais.

Terá sido em dado momento um neorrealista?

Que podíamos nós ser nos anos 40? Foi tal a insatisfação que reinventámos Dada enquanto não foi possível chegar às nossas mãos os "Manifestos" de Breton. Fui consciencializando lentamente o meu surrealismo. Depois em África passei para uma linguagem estética surrealista, que me dava talvez mais liberdade.

Tem momentos em que a inspiração é maior?

Ao telefone... Estou a ouvir quem está do outro lado da linha e vou fazendo um desenho num papel qualquer, depois rasgo-o ou passo-o a limpo e, às vezes, chamo-lhe pomposamente *um estudo*, mas não no sentido em que um "artista" faz um estudo, não tem a ver com a pintura profissional.

Nunca se considerou um profissional da pintura e da poesia?

Teria desgosto se me achasse um profissional da arte. Ser-me-ia insuportável pensar num poeta profissional, como me entristece pensar em pintores profissionais, contudo existem numa luta constante a pintar para vender.

Sendo pintores como viveriam se não pintassem e vendessem?

A minha experiência foi outra. Quando queria ganhar dinheiro trabalhava em empregos horríveis e pintava nos intervalos para não prostituir a minha pintura.

Manteve contrato com uma galeria...

Trabalhei e cheguei a dirigir a Galeria São Mamede. Trabalhava umas horas e no resto do tempo pintava. Se a isso se pode chamar profissional da pintura... Foi uma experiência breve.

Não enriqueceu?

Nunca desejei enriquecer. Tenho o suficiente para viver da forma como vivo. Se tivesse muito dinheiro seria para comprar pintura de outros artistas.

Enquanto artista, sente-se maltratado pelo seu país?

Imenso. Neste país é preciso andar atrás dos ministros e isso não faço; é preciso dar-me com gente importante e não me dou nem a procurar, e muito menos políticos. Ao longo da vida conheci pessoas importantes, algumas amáveis, com quem tive ou tenho uma relação civilizada.

Marginalizado?

De certo modo, mas nem será por mal. Um elefante põe a pata em cima de uma formiga e nem sabe que está a pisar a formiga.

As transformações socioculturais e as “modas” têm deixado no esquecimento movimentos como o surrealismo?

Esse tem sido um grande erro em Portugal; lá fora não foi cometido, pelo menos, no mesmo grau. Houve pessoas que se quiseram impor nos anos 60 e fizeram-no como se o mundo tivesse começado apenas com elas. Isso empobreceu muito o país, e sobretudo a museologia, pois os museus passaram a adquirir o quadro acabado de fazer em detrimento de um projeto que tivesse a ver com a história.

Não gosta da geração de 60?

Temos princípios divergentes.

“Pop art”, não a admira?

Nada tenho contra a “pop art”, documento de uma época; apenas recordo que os grandes museus internacionais possuem obras representativas das diferentes tendências. Em Portugal fazem-se não sei quantas exposições de “pop art” e ainda não se fez uma exposição a sério do surrealismo. De quem será a culpa, não sei. Até poderá ser de muita gente ligada ao surrealismo.

Sempre se deram ruturas e dissidências nos movimentos intelectuais. Os surrealistas, nomeadamente em Portugal, ergueram muitas paredes entre si próprios?

As pessoas deviam ser capazes de se juntar sem uns a imporem-se aos outros, sem dogmas. Seria interessante realizar-se uma exposição itinerante sobre o surrealismo, matéria não falta. Não se pode esquecer-lo nem negá-lo. Apesar de todo este ardor dentro de mim quando penso e falo de tudo isto, já me sinto velho e exausto. Não é fácil o convívio entre as pessoas, e entre intelectuais e artistas alguns julgam que estão a jogar a eternidade...

Considera pobre o panorama de exposições de arte em Portugal?

Tristíssimo! São poucos os acontecimentos de nível superior (excetuo, por exemplo, uma exposição de Malevitch, no Centro Cultural de Belém ou de Francis Bacon em Serralves). Inexplicavelmente, no entanto, passou em silêncio a exposição de um grande pintor surrealista, o espanhol Eugenio Granell. Se calhar algumas pessoas não querem trazer exposições até cá com medo de que o seu nome fique apagado ou de que possa reduzir-se o seu campo de manobra.

Viveu muito tempo em Angola e fez a sua primeira exposição em Luanda. África foi uma semente que fertilizou no seu imaginário?

Uma semente que germinou na minha alma. O contacto com África, a terra em si mesma e aquela gente são inesquecíveis. Os espaços, a imensidão das distâncias apaixonaram-me. Vivi 14 anos em Angola. A minha ideia era ficar naquela terra para sempre. Fisicamente isso tornou-se impossível mas de certa maneira é lá que estou.

Por que voltou para Portugal muito antes da descolonização?

Voltei quando me quiseram meter uma arma na mão. Vim embora um ano depois de ter começado a guerra. O terror em Luanda era tanto, as pessoas encheram-se de pânico e organizavam milícias para tomarem conta rua a rua. Eu não queria pertencer a milícias, não queria matar nem brancos

nem pretos. E vim embora com os meus pais. Ao fim de 14 anos lá, não tinha dinheiro para as passagens. Contactei então o Manuel Vinhas para lhe vender a minha coleção de esculturas africanas (preciosa para mim); vendi-a por tuta e meia. E regressámos.

Angola que lhe diz agora? Como a olha?

Com muita paixão e com uma grande raiva por um mundo que deixa chegar uma terra e um povo àquela miséria.

Poder-se-á compreender África? Poder-se-á compreender tudo na vida?

Há quem diga que tudo compreender é tudo perdoar. Como poderão as pessoas convencerem-se de que compreendem tudo? Ninguém compreende tudo. Esse tudo é algo que está longe das nossas possibilidades de compreensão. Nunca poderá haver um conhecimento de tudo nem sequer de nós próprios; quando muito, de século a século, haverá alguém com uma visão excepcional das coisas.

Da Vinci foi um desses homens de exceção?

Criou-se uma certa lenda em torno de Leonardo da Vinci, uma figura de certo modo mítica. A sua pintura não nos tocará hoje tanto, todavia nos seus engenhos foi sem dúvida um precursor. A aura renascentista tem grandes figuras como Miguel Ângelo. Mas prefiro Bosch, mais

próximo de nós. Decididamente, prefiro a Idade Média à Renascença.

Existe no nosso país uma das mais famosas pinturas de Bosch...

É verdade, ainda bem que *Tentações de Sant'Antão* está no Museu das Janelas Verdes, porém há pouca divulgação e as pessoas são incapazes de tomar iniciativas e procurar as coisas por si. Todos os sonhos neste país ficam à porta do sonho. Há dois quadros em Portugal que deveriam ter permanentemente uma multidão em contemplação como tem a *Gioconda*, no Louvre: o Bosch e o *São Pedro*, de Grão Vasco, que está em Viseu.

Mortal inércia?

As pessoas são deseducadas neste país. Julgo que se deveria dar tanto espaço ao futebol como a estas coisas. Entre outros males, há, por exemplo, o vício da pedinçice. As pessoas ficam sempre à espera de um subsídio. Perdeu-se a imaginação e a paixão. Não se faz nada. Bastaria no entanto olhar-se para a vizinha Espanha e ver aquele excesso de tudo...

Que arte falta à política?

Uma coisa é certa: nada avança metendo-se a cabeça debaixo da areia como a avestruz. Se soubermos engrandecer espólios de criadores nossos (estou a lembrar-

me, por exemplo, de Mário Botas, Júlio, Pascoaes) e investir em obras de arte, daqui a algum tempo ter-se-á um grande património e a alma enriquecida. Se não formos capazes de ir por aí, ficaremos cada vez mais pobres e presas fáceis de todas as sujeições.

Desejaria ver um grande museu de Cruzeiro Seixas em Portugal?

Não de Cruzeiro Seixas, mas sim da modernidade. Fala-se da compra de submarinos, envolvendo verbas assustadoras para ao fim de uns anos estarem na sucata, num país que não tem um Cézanne, nem um De Chirico e que tem só um Picasso, no Museu do Caramulo...

Quantas pátrias poderão estar no mundo sem uma instituição militar ajustada aos tempos?

Exatamente da mesma maneira que afinal as pátrias podem passar sem as colónias. Vai ser tão possível como há uns 30 anos era impossível falar-se em libertar as colónias. Tem de ser possível.

Confia que vamos ter um mundo pacificado?

Nós podemos não ter as mesmas opiniões mas dialogamos, não nos vamos matar. É nesse sentido que se tem de caminhar.

A instituição militar é necessária mesmo em tempo de paz...

Se é necessária, que se substitua por outra instituição que não nos exija tanques, aviões, submarinos, coisas que um país como o nosso não suporta ter. É uma loucura. Como é que um país como o nosso pode ter coisas dessas? O que nós precisamos não é de submarinos, é de uma boa estrutura cultural.

Uma posição dessas não deixaria Portugal isolado?

Não sou um político. Mas julgo que temos todos de ir pensando, porque é neste momento que temos de começar a evitar despesas dessas.

Trabalhou na Marinha Mercante. A vida dos países não tem as mesmas encruzilhadas da vida das pessoas?

Trabalhei na Marinha Mercante e foi duríssimo, mas precisava ganhar dinheiro. Digo o que penso, a democracia deu-nos a liberdade de falarmos. No mundo de hoje, um país não ter armamento parece quase escandaloso; é tão escandaloso como era há 40 ou 50 anos falar-se em perder as colónias ou haver os divórcios que se dão hoje. Estamos num período angustioso, bate-se muitas vezes com a cabeça nas paredes sem se saber bem o que se está a fazer. Confio ainda, mesmo sem ser otimista, em que há de aparecer qualquer dia um caminho, um mundo novo.

Devem os surrealistas continuar a ser tidos como os precursores de um mundo novo?

Não se disse até hoje nada mais atual do que os surrealistas disseram. A França, por exemplo, realizou uma grande exposição sobre o surrealismo no Centro Pompidou. O surrealismo continua vivo em minorias, em todo o mundo. Dos sítios mais inesperados chegam-me sinais de vida do surrealismo.

Vivo e entendido não apenas como um movimento artístico e intelectual mas como uma "revolução"?

Vê-se na fachada do Centro Pompidou, em Paris: "Revolução surrealista". Em Portugal, na Assembleia da República, que devia ser um lugar de ciência e de conhecimento, os senhores deputados quando querem referir-se a um caso disparatado dizem: «Isso é surrealista»; na sua ignorância, julgam que surrealismo é sinónimo de disparate; não sabem que é uma filosofia.

Como gostaria que fosse lembrado o surrealista Cruzeiro Seixas?

Se há uma pintura minha, quero que se saiba que é tão portuguesa como a de Grão Vasco ou a de Carlos Reis. E gostaria de ser lembrado como um homem que pensou sempre mais nos outros do que em si mesmo. Não significa que seja um santo nem chamo para mim um território de santidade que nada tem a ver comigo.

Na sua dialética artística, quando de um coração faz irromper uma asa procura traduzir o sonho para além do mundo terreno?

São imagens poéticas. Tal como o poeta, também o pintor vive de imagens. São as imagens que me mantêm a flutuar neste mundo, de contrário já tinha ido ao fundo. É qualquer coisa que acrescentamos sempre à desesperança, a tal asa... O homem é a insatisfação. Nem o amor sublime calou a sua ânsia de sonhar.

Poesia e pintura são uma forma de comunicar ou de se encontrar, antes de tudo, a si mesmo?

As duas coisas. Mas que tenho uma grande fome de comunicar, tenho de certeza. Comunico comigo próprio tentando perceber o labirinto que sou, como sucederá com toda a gente; toda a gente é labiríntica, mesmo os que não o sabem ou mentem a si próprios.

Toda a sexualidade e sensualidade que existem na sua obra prendem-se com a sublimação do sexo?

Está muito nesse caminho. Sem sexo a vida deve ser estúpida e triste e árida. Tive no entanto a sorte, tal como outros, de não ficar preso só ao sexo e à libertação que possibilita. A poesia e a pintura têm caminhos imensos para a libertação.

A expressão erótica é a maior força libertadora?

Depois de ter existido Freud todos sabemos como isso é libertador. Abriu-nos muitas portas e aprendemos que essas coisas não são para se brincar. Muita gente anda a brincar com o sexo e por isso há distúrbios tão horríveis como a sida; felizmente, no meu tempo, e apesar de todos os males, não havia sida e pudemos gozar de uma liberdade que os jovens hoje não têm. Celebrámos o corpo em plenitude.

Corpo: medo ou feitiço?

O corpo é a obra de arte inacabada a que procuramos sempre acrescentar qualquer coisa. Essa qualquer coisa é o nosso amor.

Quando o amor morre como viver?

Com muito desgosto. Pergunto mesmo se se vive... Quando não se ama alguém ou alguma coisa, quando não se tem um princípio qualquer que tenha a ver com o amor, uma parte de nós já morreu...

Beleza foi tudo para si?

Tive um princípio: acreditar na beleza. Um erro grave; esse jogo de dar e de receber de outro corpo lindíssimo preencheu a minha vida, foi um disparate, já o disse. Mas se voltasse atrás fazia exatamente a mesma coisa.

Também o fascina a beleza da mulher?

Gosto de ver pessoas bonitas seja de que sexos forem. As mulheres não despertam em mim desejo sexual, mas amizade sim. Passava horas a conversar com a Natália (Correia), na sala da casa dela, parecia quase um namoro.

Ao metamorfosear o corpo nas telas deseja expandir o amor ou adensar o enigma?

Desejo acrescentar-lhe alguma coisa e dar-lhe o espaço a que o corpo tem direito. Espera-se que tudo vá crescendo e se desenrole e que apareça a revelação, tal como as pessoas esperam a revelação por meio de um filho.

Nas obras que foi criando, a revelação chega-nos como se fosse um segredo maior fechado na própria revelação. Qual é o segredo de Cruzeiro Seixas?

Talvez não saber o que será de facto um grande amor. Porventura, um grande amor terá sido o de Mariana Alcoforado, a freira de Beja que morreu de desgosto e de amor.

Alguma vez fez um juramento de amor?

Fiz muitos e ouvi muitos.

A vida está cheia de traições?

Cheia de traições e de impossibilidades.

O transcendental não faz sentido em si?

Não tenho medo da transcendência. Lima de Freitas estava muito mais próximo da transcendência do que eu e éramos muito amigos.

Preocupa-o, no fundo, o que possa haver para além da morte?

Preocupa-me. Existe qualquer coisa que não sabemos o que é. Há um mundo repleto de coisas que não sabemos. O real é tão pequeno em relação ao irreal. Quando estamos tão cansados do real por que não desejar essas coisas? O mistério está sempre presente e não apenas para além da morte. A minha casa, por exemplo, anda cheia de ruídos com os quais convivo e até gosto que me acompanhem.

Está muito velho o prédio em que mora...

Velho mas cheio de história.

Acompanha-o alguma superstição?

Entrar com o pé direito. Eu próprio me rio. Muitas vezes entrei com o pé direito e correu tudo mal...

Agrada-lhe viver no Bairro Alto?

O que eu sonhava era viver no meio dos campos. A minha experiência de seis anos no Algarve, numa casa no meio dos campos, foi inesquecível. Não tenho muito a ver com a cidade. Lisboa está uma cidade tão triste, tão estragada. Gosto da casa onde vivo; transformei em grandes quatro divisões pequenas. Tem um problema, aquela escada...

Quando comprei a casa pensava lá no que haveria de custar a um velho de 80 anos subir uma escada... Hoje sei quanto me custa!

Para o ensaísta Edouard Jaguer, o Cruzeiro Seixas "é uma ferida que dança". Ferida incurável?

Ao ler esse estudo de Jaguer sobre mim confesso que não me via muito bem em forma de ferida e ainda menos a dançar. Depois compreendi.

Essa ferida tem a ver com o que diz na sua poesia: "Eu falo em chamas". O sangue-fogo do poeta?

Quando se está desesperado as palavras saem em chamas. Escrevi isso quando era novo, com um duplo sentido: o da palavra e o sexual. Os gregos e os romanos tinham nos seus museus um amuleto, um falo com asas, que as mulheres também usavam ao pescoço ou em forma de brinco.

António Barahona escreveu: "Maior do que todas as janelas é qualquer dos desenhos de Cruzeiro Seixas". Que janelas abriu?

Procurei abrir algumas janelas, mas há gente muito superior a mim que abriu janelas mais importantes. Dentro da minha medida faço o possível para criar novos espaços; não me suponho mais do que sou. Tenho os pés assentes na terra. Sou como sou com os meus defeitos e as minhas

virtudes. Tenho dito e repito que o que fiz é apenas um testemunho.

Quando falamos dos muitos poetas que lhe dedicam poemas, tem de lembrar-se Herberto Helder, que lhe dedica *Flash...*

Nunca fomos próximos, encontrámo-nos duas ou três vezes, trocámos algumas cartas. Acho espantosa toda a sua poesia. Corre como um rio caudaloso que não se pode parar.

Há muitas fugas nos labirintos da sua arte. Fugas para uma dada pureza do onírico?

Durante a minha vida mergulhei em muita impureza sempre à procura da pureza. A pureza é um princípio que me apaixona mas não quer dizer que alguma vez lhe estivesse próximo. Genet é um estado de desespero à procura de uma forma de pureza. Muitas vezes descobre-se o puro pelos caminhos do impuro.

Toda a sua poesia traduz um mundo de magnetismos?

Acredito que magnética é a vida. Há uma coisa em que sou capaz de me louvar: vivi com muita coragem, sempre independente, e fiz todos os disparates sozinho. Eles foram tais e tantos que nem a morte me quer!

Paga hoje o preço de uma solidão?

Já paguei mais, agora vivo quieto na minha toca. A solidão acompanha-me.

Essa toca será o “tremendo esplendor do silêncio” que desenhou a tinta-da-china?

Não será um esplendor mas é um pouco de silêncio; na minha cabeça estão muitas coisas que gostaria ainda de fazer.

Identificou-se mais com algum dos seus quadros?

Realizei talvez melhor os desenhos à pena.

No momento em que começou a ser reunida (em edição de obras completas) toda a sua poesia, sentiu-se renascer?

Não. Foi bom dar uma arrumação e contei com a ajuda de uma velha amiga, a Isabel Meyrelles. Não vou dizer que não gostei, mas uma grande satisfação, não. Foi uma parte da minha vida que ficou arrumada.

Que poema lhe foi mais difícil de escrever?

Não penso mais do que uma hora num poema. No dia seguinte já não me lembro. Mas se mexer num poema daí a um ano, posso modificá-lo por completo.

Mexeu em alguns dos poemas que integram os volumes da sua poesia completa?

Eram pastas e pastas no meio da maior desarrumação. Tive de os passar à máquina e dar-lhes uma certa ordem e mexi em alguns, no entanto, quase não os alterei.

Todo o ato criativo é dor?

Tenho um carácter dramático, nasceu comigo e não sou capaz de o ultrapassar nem quereria. Não gostaria de ser muito contente e muito feliz. Essas duas palavras soam-me mal. Devo tê-las deitado fora algumas vezes. As festas e mesmo as revoluções só me apaixonam se feitas dentro dos homens.

Costuma festejar o seu aniversário?

Só em pequeno. Depois, nunca. O dia dos meus anos é sempre triste para mim. Tenho saudades do amor dos meus pais, uns pais excepcionais.

Apesar das dívidas que lhe deixaram...

Não tem nada a ver o rabo com as calças. Os meus pais amavam-me tanto que o mundo para eles era nós três, nada mais lhes interessava em absoluto. Foi um ambiente único.

Isso marcou-o?

Marcou-me.

Um poema seu: "Desfolhar uma rosa / é poesia / ou prosa?" Já descobriu a resposta?

Interrogo para que os outros respondam mas duvido que alguém saiba responder. Ninguém sabe dar respostas às perguntas da poesia. Passam de poeta em poeta sempre sem resposta.

A poesia não mostra o invisível?

Há poetas que ficam tão próximos, tão próximos desse invisível que até faz aflição a beleza e a força das imagens que conseguem criar e são tão definidoras desse espaço. É o caso de Cesário Verde, de Mário de Sá-Carneiro ou de Pessanha.

Troca as datas dos seus poemas porquê?

Tenho poucos poemas datados e algumas datas não correspondem, de facto, ao tempo em que os fiz. Ninguém poderá um dia situar a minha poesia neste ou naquele ano dentro de um espírito académico. Há na minha poesia um grande encontro com África e muitos poemas escrevi-os lá.

A quem desejaria dar um grande abraço?

A muitos que morreram e me fazem tanta falta como o António Maria Lisboa, o Mário-Henrique Leiria, o Jose Pierre e os meus pais.

De algum modo, tem conseguido harmonizar o seu corpo-físico com o universo psíquico?

Até há uns anos, havia um entendimento quase perfeito entre o meu corpo físico e o outro lado da personalidade.

Se um dizia mata-se o outro dizia esfolá-se. Nunca se deram grandes lutas nem contradições entre um e outro. Agora procuro conviver todos os dias com este velho que sou.

Vive igual a si próprio. Que é ser natural?

Nada fácil, nada fácil.

Não há surrealismo sem humor, mesmo que, por vezes, seja humor negro?

Eu troquei o humor pelo amor.

Gostaria de morrer por amor?

Deve ser uma das maneiras mais bonitas de morrer.